



O ESPAÇO DA LITERATURA COMO ARTE NA SALA DE AULA PÓS-BNCC: UM ESTUDO SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA MENTALIDADE E DO CARÁTER HUMANO.

Autores: Patrícia Marques Araújo¹

Grupo de Pesquisa “Conte Comigo Educação”

Este projeto de pesquisa visa compreender o espaço da literatura na sala de aula pós-BNCC, assumindo-a como arte da palavra e dimensão essencial da experiência humana. Baseada nas visões de Coutinho, Candido e Benjamin, a investigação afirma o direito à leitura como fator de formação integral, promovendo o deleite, a cocriação de sentidos e o fortalecimento da identidade.

O estudo é motivado pela urgente necessidade de qualificar a prática pedagógica, evidenciada pela diminuição de leitores no Brasil, conforme dados da pesquisa "Retratos da Leitura de 2024". A pesquisa propõe analisar o tratamento da literatura em documentos normativos, como a BNCC, buscando superar abordagens meramente instrumentais. Para isso, serão investigadas competências específicas (como a 9 de Língua Portuguesa e a 1 de Arte), a fim de identificar caminhos curriculares que valorizem a fruição estética e o diálogo com a obra.

O objetivo final é contribuir para práticas pedagógicas que promovam experiências literárias significativas, fortalecendo o vínculo afetivo com os livros desde a infância. Ao articular a análise da BNCC com dados reais de leitura, a pesquisa busca fundamentar ações que reforcem a literatura como um direito transformador, colaborando para a formação de leitores críticos e autônomos.

Palavras-chave: Educação literária. Fruição. Formação de leitores. Políticas educacionais.

Introdução

Diante da reconfiguração curricular pós-BNCC e da necessidade urgente de aprimorar metodologias e práticas pedagógicas, a reflexão sobre o espaço da literatura como arte na sala de aula torna-se imperativa. Este cenário exige uma análise aprofundada de como a literatura contribui para a constituição da mentalidade e do caráter humano das crianças. Considerando a diversidade de

¹ Licenciada em Pedagogia. UFMG. E-mail: patmaco@gmail.com



contextos e experiências educacionais no Brasil, os questionamentos a seguir foram delineados para guiar esta pesquisa-ação:

1. Como as metodologias de ensino-aprendizagem são moldadas para promover a experiência da literatura como arte, transcendendo a mera instrumentalização?
2. De que maneira as práticas pedagógicas conseguem cultivar o senso estético e a fruição literária, permitindo que os alunos se engajem em narrativas que ampliem seus "mundos" internos e externos?
3. Como a cultura digital é integrada na prática docente para enriquecer a experiência literária e desenvolver leitores críticos, éticos e capazes de interagir com textos multissemióticos?
4. Quais são os principais desafios e as estratégias bem-sucedidas na sala de aula para que a leitura literária se consolide como um direito e uma necessidade humana?

Ao abordar a literatura como espaço de formação sensível e crítica, em meio à reconfiguração curricular pós-BNCC, este projeto insere-se no campo de pesquisa processos educativos na educação básica, com foco na educação literária nos anos iniciais do ensino fundamental.

DESENVOLVIMENTO

A concepção didática da literatura suscita a complexa questão de como ela pode transcender uma visão puramente utilitarista ou instrumental, frequentemente limitada à complementação de conteúdos disciplinares. Ao compreender a literatura como arte, intrinsecamente imbuída de beleza e como algo que transborda o individual, busca-se expandir o universo da criança, de forma a contribuir para a sua formação integral, como sugere a BNCC. A beleza literária nos toca tão profundamente que a sua experiência não pode ser contida em uma única pessoa, exigindo o compartilhamento e o diálogo. Um trabalho efetivo com a literatura demanda tempo dedicado à leitura, à escuta e à interlocução. Trata-se de um processo dialógico: o livro narra, o leitor escuta, e essa escuta se estende à compreensão da perspectiva do outro sobre a história, culminando na partilha da própria experiência.

Esses movimentos na educação, em especial aqueles determinados pela BNCC e pautados majoritariamente por políticas educacionais de cunho neoliberal em um contexto de globalização econômica, não podem ser ignorados nas análises centrais sobre a inserção da literatura na escola. Eles exercem um impacto significativo nas propostas de ação no cenário educacional brasileiro, e o entendimento deles de forma plena é crucial para o processo de escolarização.



Embora se observe a diminuição de seu espaço relativo no currículo escolar e na sociedade, de forma geral, as diretrizes educacionais devem ser encaradas como um campo de possibilidades. Em vez de apenas anunciar crises, esta pesquisa acredita na possibilidade de apresentar caminhos curriculares que garantam um espaço genuíno para a literatura como arte, permitindo o tempo necessário para o diálogo com as obras e o deleite da leitura, ultrapassando o ensino instrumental e assegurando um espaço genuíno para a literatura como arte

Objetivo geral: Analisar como o espaço da literatura, enquanto manifestação artística, é constituído e explorado na sala de aula pós-BNCC, investigando sua contribuição para a formação da mentalidade e do caráter humano dos estudantes.

Objetivos específicos:

Analisar as implicações e as possibilidades que se apresentam no que se refere à literatura na BNCC para o Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Delinear as perspectivas da relação entre a experiência literária na escola e a construção de valores, como empatia e senso crítico, elementos cruciais para a formação integral do indivíduo a partir do espaço da literatura como arte na sala de aula.

Investigar as metodologias e abordagens pedagógicas adotadas por professores de Língua Portuguesa para integrar a literatura como arte no currículo, considerando as diretrizes da BNCC.

Para dar sustentação a esse percurso, este estudo empreende uma análise textual da BNCC, fundamentada em pesquisa bibliográfica com autores como Andruetto, Bajour, Colomer, Cosson para questões de literatura e ensino; Cândido, Coutinho para a literatura como direito; Goodson para teoria curricular; e Benjamin e Larrosa para experiência. Além disso, serão considerados dados das últimas edições da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil para contextualizar o cenário real do ensino da literatura.

Para tecer considerações sobre a presente pesquisa, faz-se necessário delinear a concepção de literatura que a fundamenta. Adota-se, para tanto, a perspectiva do crítico literário Afrânio Coutinho, expressa em seu ensaio "Que é Literatura e como ensiná-la?". Para Coutinho, a literatura se configura como um fenômeno estético, a arte da palavra, desprovida da intenção precípua de informar, doutrinar ou veicular valores sociais ou morais. Conforme o autor, qualquer abordagem utilitarista da literatura tende a esvaziar seu sentido estético, pois

O que a literatura proporciona ao leitor, só ela o faz, e esse prazer não pode ser confundido com nenhum outro, informação, documentação, crítica. Não fosse isso, não fosse a natureza específica da literatura e o prazer que dela retiramos, e as obras



literárias não resistiriam ao tempo e às mudanças de civilização e cultura. (COUTINHO, 1978, p. 08).

Ademais, essa compreensão é reforçada pelo ensaio 'O direito à literatura', de Antônio Cândido "O direito à literatura" de Antônio Cândido, que aborda a literatura em sua vasta amplitude, abrangendo:

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CÂNDIDO, 2004, p. 174).

A partir dessas concepções, a literatura emerge não apenas como uma "manifestação universal de todos os homens em todos os tempos" (CÂNDIDO, 2004, p. 174), mas também como uma necessidade fundamental. Nesse sentido, ela assume um papel essencial na organização de nossa visão de mundo, na estruturação de nossos pensamentos e na modulação de nossos sentimentos. Ao conceber a literatura como um direito humano fundamental, tal qual a moradia, a alimentação e a educação, essa abordagem alinha-se à perspectiva de Antônio Cândido, que eleva a ficção literária a um bem incompressível, indispensável à sobrevivência e à preservação da integridade espiritual do sujeito. Essa premissa ecoa as reflexões de Walter Benjamin sobre a experiência e a narrativa, na qual a capacidade de transmitir sabedoria e vivências por meio de histórias autênticas nutre o espírito humano e expande a compreensão do mundo. A literatura, nesse sentido, transcende a mera informação, uma vez que promove uma experiência rica e transformadora, capaz de capacitar o leitor a construir seus próprios "mundos" internos e externos e a interagir com eles.

Para Antônio Cândido, a ficção literária — seja um romance, uma poesia ou um conto — é um bem imprescindível. Ele argumenta que, desde os contos de fadas contados na infância até as grandes obras literárias, o ato de narrar e de ouvir histórias é uma necessidade profunda da nossa psique. Para Cândido, a literatura nos permite viver experiências que transcendem nossa realidade imediata, expandindo nosso universo e aprofundando nossa compreensão sobre nós mesmos e sobre os outros. Ela nos dá uma visão da "humanidade plena", tornando-se um fator essencial para a sobrevivência física e, principalmente, para a preservação da integridade espiritual do sujeito. Desse modo, alcança-se um direito que, assim como a liberdade de pensamento e expressão, deve ser universalmente acessível, sem restrições sociais.

Essa perspectiva de Cândido ressoa com as ideias de Walter Benjamin, especialmente em sua reflexão sobre a experiência e a narrativa. Benjamin lamentava a "pobreza de experiência" nos tempos modernos, em que a capacidade de transmitir histórias de forma orgânica e viva estava se perdendo. Para ele, a verdadeira narrativa



é aquela que acumula e transmite sabedoria e experiência vivida, permitindo que o ouvinte ou leitor se aproprie dessa experiência e a incorpore à sua própria vida.

Pensemos, por exemplo, na figura do contador de histórias em Benjamin. Ele não apenas relata fatos, mas tece uma tapeçaria de tempo e de memória, na qual o público se imerge e de onde extrai significados profundos. Essa imersão, essa capacidade de trocar experiências através da narrativa, é o que Benjamin valorizava. No contexto da literatura, isso significa que ao ler, estamos nos conectando com as experiências do autor, das personagens e, por extensão, com a vasta gama de possibilidades humanas. Essa conexão não é apenas intelectual; ela molda nossa percepção, nossa empatia e nossa capacidade de navegar pelo mundo.

Para Benjamin, a arte e a literatura têm o poder de nos tirar da mera informação e nos levar à experiência autêntica, que é rica, transmissível e capaz de nos transformar. É um processo ativo, por meio do qual o leitor não é um mero espectador, mas alguém que participa da construção do sentido, assimilando e reinterpretando o que lhe é apresentado.

Portanto, quando Cândido fala da literatura como um direito humano indispensável para a "integridade espiritual", ele ecoa Benjamin na ideia de que a experiência literária nutre o espírito humano, capacitando-o a compreender o mundo em suas múltiplas facetas e a desenvolver uma consciência crítica e empática. Ambos os autores, ao destacarem o poder da literatura de transcender o individual e nos conectar a uma humanidade mais ampla, elevam a arte da palavra ao status de bem essencial para a formação de 'mundos' — tanto o mundo interior do sujeito quanto sua capacidade de interagir com o mundo exterior e compreendê-lo."

O leitor, assim, não lê apenas as palavras como decodificação, mas frui para o leitor de mundo. De acordo com Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido* (2014, p. 80), o leitor das palavras se detém na sonoridade, enquanto o segundo compreende (faz uso, faz valer) a "força transformadora da palavra". Assim, a humanização, o desenvolvimento da consciência e a acolhida de sentimentos, na reflexão que Cândido defende, deveriam estar presentes na Educação literária em todas as salas de aula.

Essa visão nos convida a refletir sobre como a função estética da literatura está profundamente ligada ao conceito de deleite e à ideia de que a experiência literária vai além da simples leitura. Para Cunha, a literatura é uma arte que gera uma experiência única, com o autor e o leitor desempenhando papéis essenciais na construção do prazer estético. A criação literária é moldada pelas características específicas que o autor imprime em sua obra, por meio de marcas que ele deseja que o leitor perceba ao longo do caminho da leitura. Assim sendo, o papel do leitor é ativo e criativo, pois ler é mais que uma simples decodificação de palavras. Sob esse viés,



ler é um processo de cocriação, no qual os conhecimentos prévios, as experiências de vida e os contextos cultural e emocional do leitor desempenham um papel fundamental na fruição estética. Ler é, portanto, um processo de construção de sentido e uma prática social, pois conecta o leitor a uma comunidade de leitores, permitindo o compartilhamento de experiências e a formação de identidades.

Assim, quando a leitura é vista de uma experiência pessoal e insubstituível, tanto para o leitor quanto para o autor, surge o potencial criativo em vários aspectos, a saber: (1) Interpretação pessoal e singular: cada leitor, ao se deparar com uma obra literária, traz para o texto as próprias experiências de vida, conhecimentos prévios, emoções e contextos culturais. (2) Reação emocional e intelectual: a leitura literária desperta uma série de reações emocionais e intelectuais, que variam de acordo com o leitor. Essas reações podem inspirar reflexões, insights e até novas criações, como escrita criativa, diálogos internos ou a produção de arte visual e outras formas de expressão. O ato de ler estimula a imaginação e a criatividade ao convidar o leitor a preencher lacunas, visualizar cenas e dar vida aos personagens; (3) Diálogo com o autor e a obra: a leitura também possibilita um diálogo indireto entre o leitor e o autor, em que o leitor interpreta as pistas deixadas pelo autor e cria a própria versão do texto. (4) Renovação da experiência: como a leitura é um processo contínuo e dinâmico, cada nova leitura de uma obra pode proporcionar uma experiência estética diferente, revelando nuances que talvez não tivessem sido percebidas antes. (5) Desenvolvimento de habilidades criativas: ao interagir com obras literárias de diferentes estilos, gêneros e épocas, o leitor tem a oportunidade de desenvolver habilidades críticas e criativas. A capacidade de compreender diferentes perspectivas, a flexibilidade cognitiva e a sensibilidade estética são amplificadas pelo contato constante com a literatura. (6) Construção de identidade: a leitura, como fruição estética, contribui para a formação da identidade do leitor. A construção de identidade por meio da literatura também é feita a partir do conhecimento do outro e o comparando comigo mesmo. Destacar que a literatura promove o desenvolvimento da alteridade e o respeito às diferenças.

Portanto, o papel da escola e dos educadores como mediadores é fundamental para despertar e promover o gosto pela leitura — não apenas o hábito —, elemento essencial na formação de leitores apaixonados e autônomos. É igualmente crucial garantir o acesso à literatura a crianças e adultos, reconhecendo-a não como um luxo, mas como um alicerce indispensável para o pleno desenvolvimento humano e para a construção de uma sociedade mais significativa e pautada na compreensão mútua.

A literatura pode contribuir para o desenvolvimento pleno da pessoa e para o exercício da cidadania, visão que encontra respaldo nos artigos 205 e 206 da Constituição Federal de 1988.



Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; (BRASIL, 1988)

Os artigos descritos asseguram a educação como direito universal e delineiam o ensino com base na liberdade e no pluralismo de ideias. Por conseguinte, o debate sobre a escolarização da literatura revela uma tensão intrínseca entre a necessidade de um espaço para a ela enquanto arte, tempo para o diálogo e deleite da leitura, bem como para a tendência a instrumentalizá-la no currículo. Contudo, não é possível pensar esse contexto da leitura literária sem considerar as dinâmicas curriculares que se desenrolam, ao menos, desde a Constituição de 1988, a qual já preconizava uma formação comum aos estudantes brasileiros. Tal ideal foi formalizado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e, perpassando os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), consolidou-se com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O fato de a BNCC ser um documento normativo que define as diretrizes para a equidade dos currículos escolares reforça a análise criteriosa desenvolvida no texto da base, que enfatiza a formação leitora básica sendo muito mais que incentivar "hábito" de ler, mas, para além disso, promover uma interação dialógica e crítica, por meio de diversos gêneros. De acordo com o texto da BNCC, a leitura "compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com textos escritos, orais e multissemióticos de sua interpretação [...]"(2018, p.67). Na sequência, o documento elenca situações e práticas sociais por meio das quais a leitura faria parte da vida de todo cidadão, por exemplo: fruição estética de textos e de obras literárias. Além disso, o planejamento escolar apresentaria um conjunto de ações para as crianças e docentes, visando desenvolver e fortalecer a leitura.

Considerando Cecilia Bajour (Ouvir nas entrelinhas, 2012, p.26), ao ler, o leitor faz escolhas com base na travessia de aventuras, descobertas, arriscando no desconhecido e nas realidades que a literatura e os livros nos oportunizam. Algumas competências presentes na Base Nacional Comum Curricular apresentam a busca por este itinerário:



A Competência Específica 9 de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foca na experiência estética e humanizadora da literatura. Ela é formulada da seguinte maneira:

engajar-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a leitura e outras manifestações artísticas e culturais como forma de acesso às dimensões lúdicas, do imaginário e do encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL, 2018)

Competência Específica 1 de Arte (Ensino Fundamental):

explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais de seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades. (BRASIL, 2018)

Esta competência enfatiza a experiência e a fruição artística, a compreensão da arte em seus múltiplos contextos (históricos, sociais, culturais) e o diálogo com a diversidade.

Dessa maneira, a BNCC (2018, pág. 67) descreve cinco esferas de atuação social no ensino fundamental: vida pública, vida cotidiana, jornalístico-midiático, estudos e pesquisa e artístico-literário. Um avanço no documento trata da distinção entre formação do leitor e formação do leitor literário. Assim, a literatura, como objeto de conhecimento, tem um espaço específico nos currículos escolares e isso carece de desenvolvimento de habilidades voltadas para a formação do leitor. Para corroborar com essa análise a habilidade, EF15LP15, reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

Nesse panorama, a discussão sobre a inserção da literatura na escola revela um desafio central: a distinção entre a educação literária e o ensino de literatura. Frequentemente, o ensino tradicional instrumentaliza a literatura, reduzindo-a a um currículo literário focado unicamente no conteúdo — "este livro é sobre tal assunto" ou "este livro é para tal idade". Essa abordagem, que se limita ao "para" e "sobre", negligencia o essencial: a literatura se constrói na relação com textos artísticos e estéticos. Ao contrário dos textos de caráter denotativo, a literatura mobiliza mundos simbólicos e afetivos, ampliando a construção dos horizontes de interpretação, como propõe a estética da recepção.

Assim, o grande desafio na construção de um currículo literário reside, portanto, em ir além da instrumentalização. Isso exige adentrar graus de complexidade, contemplar



a diversidade de gêneros, focar nas práticas de mediação e, crucialmente, na construção de situações de apropriação literária. Potencializar esse modelo significa que a escolha da obra literária deve ser, em primeiro lugar, orientada por sua capacidade de dialogar com a formação do sujeito. Uma obra que instiga para o diálogo, que não necessariamente precisa ter uma temática específica, mas que, por sua própria natureza estética e narrativa, mobilize o leitor em uma experiência genuína e significativa. Essa escolha da obra é o ponto de partida para desbloquear o potencial da literatura na construção de mundos e na formação de indivíduos críticos e sensíveis. Sob essa ótica, trata María Teresa Andruetto (2012, pp. 15-16):

[...]” todo texto desenvolve um movimento a partir de um ponto de equilíbrio também precário. Algo penetra no que está quieto e sua irrupção provoca adesões, resistências, tomadas de posição, tentativas de recuperar o perdido ou de adquirir algo novo, até que tudo se aquieta outra vez. [...]

A leitura, em sua essência simbólica e civilizatória, não floresce por si só: ela demanda mediação contínua, investimento estratégico e um conhecimento aprofundado de seus complexos percursos e barreiras. Nesse cenário, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil de 2024 emerge como um instrumento estratégico para apoiar as discussões. Ela não apenas oferece um panorama preciso e historicamente comparável dos hábitos, motivações e dificuldades que permeiam o comportamento leitor da população, como também se estabelece como um alicerce fundamental para a tomada de decisão política e educacional no Brasil. A pesquisa está em sua 6ª edição e alcançou mais de 200 municípios, trazendo, nesta última, dados inéditos sobre a presença de livros infantis nos lares brasileiros e sobre a percepção das crianças em relação aos hábitos de leitura dos pais. A pesquisa traz como aporte teórico para o desenvolvimento da investigação que [...] “Esses novos recortes são fundamentais para compreendermos como se forma — ou se interrompe — a relação com o livro desde a infância. Ao revelar, por exemplo, o afastamento progressivo da leitura por prazer à medida que a idade dos leitores avança, a pesquisa aponta caminhos urgentes para preservar e fortalecer o vínculo afetivo com os livros ao longo de toda a vida.” (pág. 14- Retratos)

Por muito tempo, o ministério da educação, juntamente com as universidades têm debatido a urgência de políticas públicas estruturantes e eficientes para transformar a realidade da leitura. Apesar dos diálogos em conferências e simpósios acadêmicos, a concretização das ações para contornar os desafios da leitura ainda não são uma realidade nas escolas brasileiras, o que representa um desafio para professores e gestores. ainda é um desafio. A regulamentação da Política Nacional de Leitura e Escrita em 2024, por meio de decreto, representa um avanço inegável e um passo para contornar esse obstáculo da educação básica. Contudo, para que o Brasil se



comprometa efetivamente com a formação de leitores, os dados fornecidos pela Retratos da Leitura 2024 são cruciais.

A 6ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2024) apresenta dados importantes sobre a leitura no país. A seguir, descreve-se um recorte sobre a literatura:

Livro Literário: (1) A pesquisa aponta uma queda na média anual de livros lidos por entrevistados, passando de 4,95 em 2019 para 3,96 em 2024; (2) Há uma divisão entre livros lidos inteiros (2,07) e em partes (1,89), o que pode indicar uma diminuição no envolvimento completo com obras literárias; (3) Entre os leitores de literatura, 68% consumiram romances e poesias também em meios digitais, como redes sociais, blogs e aplicativos de mensagens, evidenciando a fragmentação das práticas de leitura e a relevância de outros suportes

Pessoas que mais influenciam a leitura: (1) Um dado notável é que a influência de influenciadores digitais para desenvolver o gosto pela leitura foi de 1%, segundo um dos comentários sobre a pesquisa; (2) Embora não detalhado nos *snippets*, a pesquisa geralmente aponta a família e a escola como influências significativas, conforme mencionado em contextos relacionados à formação leitora de crianças;

Faixa etária que mais lê: Os resultados da pesquisa expressam uma preocupação com a perda de leitores entre estudantes, que seriam o grupo populacional mais estimulado a ler. A menção de "salas de aula deixando de ser um lugar de leitura" é um indicativo dessa tendência. Não há um dado explícito nos *snippets* sobre "a faixa etária que mais lê" em termos absolutos, mas sim um alerta sobre a diminuição em grupos importantes;

Como a família está neste cenário pensando em crianças de 5 a 11 anos: (1) A pesquisa incluiu questões específicas para compreender o universo literário infantil, considerando a quantidade de livros infantis existentes nas residências e os hábitos de leitura dos pais sob a ótica das crianças; (2) É destacado que a inserção do livro na vida da criança está intimamente relacionada às influências e hábitos tanto da família quanto da escola; (3) A principal motivação para a leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental (que abrange a faixa de 5 a 11 anos) é o gosto pela leitura; (4) A pesquisa reforça a ideia de que se os pais não leem livros habitualmente, é provável que seus filhos sigam esse exemplo, sublinhando o papel crucial da família na formação do hábito leitor desde cedo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa não é apenas um mapeamento: ela é, também, um guia para a transformação do cenário descrito. As descobertas que ela aponta permitem aos gestores e educadores identificarem lacunas, direcionar investimentos em programas



de mediação e formação de mediadores e elaborar currículos que realmente dialoguem com as necessidades e as realidades dos diferentes perfis de leitores. Ao expor os desafios e as potencialidades da leitura no país, a Retratos da Leitura 2024 oferece a base empírica necessária para que as decisões políticas e educacionais sejam mais assertivas, eficazes e, sobretudo, capazes de construir uma nação verdadeiramente leitora. Ignorar esse retrato é renunciar a um insumo vital para o planejamento estratégico de um futuro mais leitor e, conseqüentemente, mais justo e desenvolvido.

A metodologia pensada para o projeto é a pesquisa-ação, por ser uma abordagem metodológica participativa e cíclica, que visa não apenas compreender a realidade atual do ensino de literatura na sala de aula pós-BNCC, mas também intervir ativamente nessa realidade para promover melhorias e observar seus impactos na formação integral das crianças.

Neste contexto, a pesquisa-ação será implementada da seguinte forma: (1) Problemática e Diagnóstico, (2) Planejamento Colaborativo de Ações, (3) Implementação e Observação, (4) Reflexão e Avaliação Contínua e (5) Replanejamento e Novo Ciclo,

Dessa forma, o estudo não será apenas descritivo, mas também terá caráter interventivo e transformador, gerando conhecimento prático e contribuindo diretamente para o desenvolvimento, a promoção e consolidação da educação literária nas práticas pedagógicas da escola

REFERÊNCIAS

- ANDRUETTO, María Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 114-119.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 20 jun. 2025.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 31 jun. 2025.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.



COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2019.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COUTINHO, Afrânio. Que é literatura e como ensiná-la. In: COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 8-15.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que o completam*. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GOODSON, Ivor F. *Currículo: teoria e história*. Tradução de Atílio Brunetta. Petrópolis: Vozes, 1995.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil*. 6. ed. 2025. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%C3%A7%C3%A3o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf Acesso em: 01 jul. 2025.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.